

FÓRUM

A NOVA FASE DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO

Antonio Agenor Briquet de Lemos
Secretário do Centro de Documentação
do Ministério da Saúde

Se editar uma revista especializada já demanda extraordinário esforço, nas condições deste País, ainda mais porfiosa é a edição de uma revista voltada para o estudo e questões ligadas à informação científica e tecnológica. E, para tornar ainda mais espinhoso esse desafio, uma revista que tem por título uma disciplina ainda em devir.

Ao antigo Instituto Brasileiro de Bibliografia e Documentação coube a iniciativa pioneira e, por isso mesmo, dificultosa de não só implantar um curso de mestrado em Ciência da Informação como também de lançar um periódico afinado com a linha daquele programa de pós-graduação. Decorrida uma década desde a criação do curso e quase outro tanto do aparecimento de CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, aconteceram muitas coisas na Biblioteconomia/Documentação/Ciência da Informação deste País e, particularmente, no próprio IBBD/IBICT. E, acima de tudo isso, houve mudanças, queira-se ou não, no contexto maior da própria sociedade brasileira. É por essas razões que são louváveis as preocupações em fazer uma revisão dos propósitos desta publicação.

Faz pouco tempo, alguém me perguntou por que nunca tinha submetido sequer um artigo para publicação nesta revista, principalmente em face de isso não Ter acontecido com os outros três periódicos da mesma área. Independente do fato de ter fundado uma dessas outras três revistas – a de Brasília -, com o apoio e

entusiasmo de Aníbal Rodrigues Coelho e Murilo Bastos da Cunha, e de um envolvente e cativante apelo dos responsáveis pelas revistas de Minas Gerais e São Paulo, creio que a resposta ser dada àquela pergunta seria “timidez”. O título desta revista sempre me intimidou. Parecia pretensioso que alguém que nunca foi nem pretende ser cientista – e, muito menos, da informação – expusesse em páginas tão olímpicas preocupações com os temas mais prosaicos da surrada Biblioteconomia. Assim, talvez inconscientemente, buscava abrigo nas colunas mais familiares das revistas de Biblioteconomia **tout court**.

Não se pode suscitar a dúvida de que CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO não tenha sido coerente, nestes anos, com aquilo que seu título propunha. Como foi demonstrado por Fernanda Ivo Neves e Maria das Graças de Lima Melo, em trabalho apresentado no 1º Congresso Latino-Americano de Biblioteconomia e Documentação (Salvador, 1980), dos 95 artigos publicados por CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, entre 1972 e 1979, um total de 23 (24,2%) tratava de temas bibliométricos. Percentagem quase igual (23,1%) correspondia a trabalhos sobre sistemas de informação. À ciência do título corresponderam 11 artigos (11,5%). Temas afins, como automação de bibliotecas, classificação e indexação, ficaram cada um com 6, 5 e artigos, respectivamente.

Quais teriam sido as conseqüências positivas dessa coerência? Qual a contribuição dada por nós, brasileiros, ao desenvolvimento do campo que a Ciência da Informação pretende abranger? Ou tudo não teria passado de uma manifestação setorial de um modismo neopositivista?

Esta revista sempre manteve uma aparência sofisticada. Um inglês diria que

se tratava de uma publicação highbrow. Suas colaborações quase sempre foram do melhor nível acadêmico, algumas vezes firmadas por fulgurantes estrelas da constelação internacional de cientistas da informação e vazadas em seu próprio vernáculo. Houve um número em que uma mesma cientista francesa assinou vários artigos. Nunca entendi. O próprio IBICT buscava uma identidade, ameaçado de se transformar numa massa gelatinosa que perdia densidade na medida em que se espraiava, e a sua revista seguia altaneira, despreocupada de abrir a discussão, aliviada dos compromissos menos nobres com o incentivo ao debate e ao estudo de temas institucionais.

No presente estádio econômico, político e social do País, qual deve ser o papel a ser assumido pela revista do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, como organismo subordinado ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico? Continuar aspirando aos lauréis do reconhecimento internacional ou se empenhar na lenta conquista das pequenas glórias a nível local, que virão no rastro da contribuição que esta revista trouxe para a compreensão e solução dos nossos problemas de produção, acesso e difusão de informações técnicas e científicas?

Não se pode almejar que uma revista seja superior ao nível geral da comunidade de profissionais e estudiosos de quem ela recebe colaboração. Ela sempre refletirá esse nível, a não ser que se alimente majoritariamente de colaboração estrangeira. A qualidade da revista se elevará na medida em que a comunidade local aprimorar, aguçar e souber expressar suas percepções objetivas e sua consciência crítica do real.

Numa recente revisão da literatura sobre serviços de informação em países

subdesenvolvidos (**Annual, Review of Information Science and Technology**.

15:289-324, 1980), dois autores apontam na crítica que fazem à literatura produzida nesses países, o caminho que, segundo eles, não se deve mais seguir. Dizem que, em geral, essa literatura é repetitiva, pobre de conteúdo, preocupada mais com “o que deveria ser” e menos com “o que fazer para isso acontecer”. Em outras palavras, é preciso soluções para os problemas.

É claro que essa crítica não se aplica integralmente ao nosso caso. Aqui, ao lado das mágoas choradas, também se encontram entusiásticas e ingênuas receitas sobre o que deve ser feito para que aconteça aquilo com que sonhamos. Evitar as lamentações lacrimosas e personalistas e não cair na tentação das propostas de soluções mágicas é outra advertência que pode ser feita. Não convém confundir a análise crítica, ainda que veemente e radical, ou a denúncia séria, ainda que engajada com a choradeira beócia de quem se frustra com as comparações que mostram o que não temos e os desenvolvidos têm.

Essas colocações indicam que uma revista especializada não se equaciona nos limites estreitos de um ideal de grupo. Suas vinculações e suas responsabilidades são mais amplas. Na heterogeneidade dos artigos que vão armando sua imprevisível arquitetura surgirá uma linha comum de articulação, um perfil que se encaixará no molde mais amplo dos fatos presentes de onde provém a própria razão de ser de sua publicação.

Com todas as suas deficiências, as revistas atualmente existentes nesta área parecem Ter contribuído muito mais, em termos qualitativos, para o seu desenvolvimento do que qualquer monografia publicada no mesmo período por autor brasileiro. É claro que tal desenvolvimento não se deve apenas a

isso. Ele decorre de muitos outros fatores e causas correlatas, como a pós-graduação, a implantação de pesquisas, o crescimento do número de profissionais, o maior entrosamento dos cursos de Biblioteconomia no ambiente universitário, a melhoria do nível dos congressos e outras reuniões e, por último mas não menos importante, o surgimento da vertente política e social por onde começam a fluir inquietações que antes eram consideradas tabus entre os especialistas em informação.

Se quisesse ser irônico, diria que esta revista deveria ser menos ciência e mais informação. No caso, ciência como sinônimo de elitismo acadêmico, que se expressa numa retórica pseudo-universalista, alienante, em detrimento do conhecimento crítico vinculado à participação construtiva. E informação como sinônimo de ensinamento, de instrução que leve a mudanças, tanto a nível das consciências quanto das ações concretas.

Creio que há necessidade de CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO definir seus propósitos, nesta nova fase, em função dos objetivos específicos do IBICT e da política científica do CNPq, de acordo com as necessidades mais amplas da sociedade brasileira na luta contra o subdesenvolvimento. Deve caber-lhe, pela postura, pelo jeito, pela explícita declaração de propósitos, atrair e estimular a produção de conhecimentos que, de várias perspectivas e livremente, contribuam para se identificarem as maneiras de tornar este País um usuário inteligente, crítico, realista e conseqüente da informação, em todas as áreas da aventura humana.